

O curso de Arquivologia da UFMG

Ivana Denise Parrela

Professora adjunta da Escola de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando especialmente no curso de graduação em Arquivologia. Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto especialista em Organização de Arquivos pela Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Cintia Aparecida Chagas Arreguy

Professora Assistente do Curso de Arquivologia da Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro. Doutoranda em Ciência da Informação pela ECI/UFMG.

<http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2669>

Este artigo focaliza o curso de Arquivologia da UFMG, implantado em 2009, e seu processo de consolidação, que culminou com sua primeira avaliação pelo Ministério da Educação, em 2014, com nota máxima. Descreve-se o corpo docente do curso, desde sua implantação, composto por profissionais com experiência em arquivos e formação diversificada nos níveis de graduação e pós-graduação. Conclui apontando as convergências com os demais cursos da escola, as identidades entre a área e os pontos distintivos.

Palavras chave: Arquivologia – Ensino – Universidade Federal de Minas Gerais.

UFMG Program of Archival Science

This article analyzes the implementation of UFMG graduate degree of Archival Science in 2009 and its consolidation process, which culminated in its first evaluation by the Brazilian Ministry of Education in 2014, when this program scored full marks. The text also describes the faculty of the course, which is composed of

professionals with experience in archives and diverse background in graduate and postgraduate levels since its implementation. This analysis concludes by identifying converging, similar and different points between this program and the other ones of UFMG Escola de Ciência da Informação.

Keywords: *Archival science. Education.*

Recebido em 28.12.2015 Aceito em 29.12.2015

1 Introdução

As comemorações dos 65 anos da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais ensejam uma discussão sobre os cursos de graduação nela alocados. Nesse contexto, este artigo apresenta o processo de implantação e consolidação do curso de Arquivologia. Na primeira parte, apresentam-se os antecedentes, destacando a produção científica relativa à Arquivologia na Escola antes de sua criação. Na segunda, dedica-se à idealização do curso e a sua implementação, a partir do projeto aprovado em 2008. Na terceira, descreve-se o corpo docente do curso. Na quarta, aborda-se o processo de reformulação curricular por que passou o curso em 2014.

2 Antecedentes

Ao apresentar a reformulação do curso de pós-graduação, da Revista e da Escola, ao mesmo tempo em que destacava a homenagem prestada à professora Etelvina Lima e as comemorações do cinquentenário da instituição em número da revista *Perspectivas em Ciência da Informação*, a professora Lídia Alvarenga destacava que os artigos daquele número especial “falam de ações que nos enaltecem. Os silêncios devem ser interpretados como insumos para futuras reflexões” (2000, p. 8). Tomando tal reflexão como ponto de partida, é possível inferir que a estruturação de uma graduação em Arquivologia estava há muito tempo no rol das reflexões que ainda não haviam frutificado na Escola de Ciência da Informação (ECI).

Há anos, desde a criação do programa de pós-graduação, em 1978, as temáticas relacionadas à Arquivologia eram recorrentes nos debates sobre ensino e pesquisa. As pesquisas ganharam força a partir das orientações de Lucy Gonçalves Fontes e das defesas pioneiras de Vera Maria R. Vasconcellos Motta, em 1993, “Arquivos privados de titulares mineiros: 1930/1983: um estudo sobre a localização, composição e uso dos documentos”, de Maria do Carmo de A. Andrade Gomes, “A produção do conhecimento histórico e o documento: estudo da relação entre a

historiografia mineira e as fontes – 1979/1990”, em 1994, de Marta Eloísa Melgaço Neves, “Em busca da organicidade: um estudo do fundo da Secretaria de Governo da capitania de Minas Gerais,” em 1997, sobre um dos acervos fundantes do Arquivo Público Mineiro (APM) e de Cláudia Resende Silva, “Senado da Câmara da Vila de São João Del Rei: da administração colonial à pesquisa histórica”, em 2000.¹ Desse conjunto, é possível perceber não só os longos anos de práticas arquivísticas nas instituições mineiras analisados com o aparato epistemológico fornecido pela Universidade, como também um verdadeiro processo de capacitação das equipes dos arquivos.² Além disso, ressalta-se a preocupação com o caráter interdisciplinar da área, ao não negligenciar a importância dos aportes da história no trabalho arquivístico.

Lucy Fontes Hargreaves, seu nome de casada, chegou a participar de vários outros projetos arquivísticos, como o de criação do “Guia dos Arquivos e Acervos Documentais Históricos do Estado de Minas Gerais (1522-1945)”, elaborado em parceria com o Centro de Estudos Mineiros, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e da Fundação João Pinheiro (FJP).³ O longo trabalho de pesquisa identificou 2.047 arquivos e acervos espalhados pelos municípios do estado. O levantamento dividiu-se em seis categorias básicas, referentes à natureza das instituições produtoras da documentação: a) acervos públicos produzidos pelos poderes executivos; b) acervos produzidos pelos poderes legislativos municipais, estadual e federal; c) acervos produzidos pelos poderes judiciais; d) acervos acumulados em função das atividades cartoriais; e) acervos produzidos pelas igrejas e denominados “eclesiásticos”; e f) acervos acumulados por todo tipo de instituição privada ou pessoas físicas.

Nos anos seguintes, a pós-graduação passou a contar com as orientações de Vilma Moreira dos Santos, professora que se especializou na área de Arquivologia, o que veio ampliar as parcerias e introduzir novas temáticas ao debate. Após a conclusão de seu doutorado, em 1998, na Inglaterra, sobre os arquivos universitários brasileiros, Santos começou a orientar pesquisas no programa de pós-graduação da ECI e no mestrado em Administração Pública da Fundação João Pinheiro (FJP). Logo começaram a vir à luz os resultados: Carlos Bizzoto, em 2000, “Gestão de Documentos públicos municipais”, no mestrado da FJP; Beatriz Junqueira Pedras, em 2000, “Arquivo do Carmo no Brasil: uma pesquisa sobre os religiosos carmelitas na Bahia”, na ECI; André Guerra Cotta, em 2000, “O tratamento arquivístico da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros”; Marcelo Leone Sant’Anna abordava, em 2002, “A digitalização de documentos de arquivo: o caso das plantas de parcelamento do solo de Belo Horizonte”, na FJP; Em 2002, na ECI, Maria

¹ Os dados foram extraídos do currículo da professora aposentada.

² Maria do Carmo Gomes e Marta Eloísa M. Neves foram funcionárias do Arquivo Público Mineiro. Os seus trabalhos refletem justamente sobre os usos e as formas de tratamento do acervo daquela instituição. Gomes ainda ocuparia a direção do Arquivo Público da Cidade por dois períodos. As duas outras pesquisadoras, Vera Motta e Cláudia Silva, em suas pesquisas, nos permitem visualizar a expansão das instituições e/ou temáticas pesquisadas, além da ampliação geográfica do objeto.

³ Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cem/> . Acessado em 09/12/2015.

Cristina Vieira Freitas, em 2002, "Tudo passa e tudo fica no caminho que se faz: um estudo qualitativo de acervo e fundo de arquivo de instituição cultural, sob o paradigma que insere a arquivologia no contexto de uma ciência da informação", na ECI; e Ana Márcia Lutterbach Rodrigues, em 2004, "Uma análise da teoria dos arquivos", na ECI. Em 2003, Santos se aposentou, mas ainda orientou o trabalho de doutorado de Nádina Aparecida Moreno, "A informação arquivística no processo de tomada de decisão em organizações universitárias", na ECI.⁴

Houve outras orientações na área, não tão frequentes, mas não menos importantes, como a de Ana Maria Pereira Cardoso e a de Lídia Alvarenga, para ficar apenas no período anterior à criação do curso. Elas continuaram a enriquecer o debate na Escola e a reforçar o caráter interdisciplinar da Arquivologia.

É importante destacar que na graduação em Biblioteconomia a Arquivologia era representada por disciplinas introdutórias com as aulas de Marta E. Melgaço Neves e Vilma Moreira Santos, após a aposentadoria de Lucy Fontes, além de disciplinas optativas que abordavam temas como "Teoria das Três Idades", "Gestão de Documentos" e "Arquivos Permanentes", desde os anos de 1980, como demonstram os currículos e os relatos das professoras.

Antes mesmo da criação do curso, já haviam sido defendidos 15 trabalhos *stricto sensu* que abordavam temas relacionados à Arquivologia, como demonstram os dados preliminares da pesquisa em andamento dos professores Adalson de Oliveira Nascimento e Marta E. Melgaço Neves, "Trajetória da pesquisa em arquivologia em Minas Gerais". Os professores destacam que não se pode desconsiderar a realização de pesquisas em Arquivologia anteriores à criação das graduações na década de 1970 pelo País, especialmente em Minas Gerais. Para tanto, dedicaram-se à análise de dissertações e teses com temáticas arquivísticas produzidas no âmbito do programa de pós-graduação da ECI/UFMG. Além disso, pretendem identificar textos de pesquisadores mineiros sobre temáticas arquivísticas em periódicos científicos, anais de congressos, eventos diversos e monografias de conclusão de cursos de especialização. Tal projeto de pesquisa tem por objetivo listar e analisar a produção científica em Arquivologia em Minas Gerais entre a década de 1970 e o ano de 2008.

Embora o trabalho dos colegas ainda esteja longe de terminar, já se pode adiantar que numa busca na página da revista *Perspectivas em Ciência da Informação* (PCI), criada em 1996, usando apenas o termo "arquivologia"⁵, foram encontrados 33 artigos sobre a área. Apenas para se ter um parâmetro para as comparações, a mesma pesquisa para o termo "museologia" no periódico revelou apenas 10 trabalhos.⁶ Ainda que seja um levantamento rápido, também é possível perceber o estado da arte da Arquivologia com base em sua inserção na revista. Foram

⁴ Cf. o currículo de Santos em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787807T5>. Acessado em 09/12/2015.

⁵ Cf. <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/search/search?query=Arquivologia>. Acessada em 10/11/2015.

⁶ Cf. <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/search/search?query=Museologia>. Acessada em 10/11/2015.

encontrados tantos autores jovens, como Eliezer Pires da Silva, como profissionais renomados na área, como José Maria Jardim. Também foi possível perceber por essa seleção de artigos a prevalência de artigos, como os publicados por Daniel Flores, sobre as novas ferramentas de descrição arquivística e os problemas de conservação dos documentos natos digitais.

3 A proposta idealizada e a implementação do curso

O curso de Arquivologia aprovado em 2008, foi concebido no bojo de uma ampla reformulação dos rumos da ECI e da própria Universidade, com respaldo no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).⁷ Pretendia-se converter o até então denominado "Curso de Biblioteconomia" em "Curso de Biblioteconomia e Gestão da Informação" e criar o "Curso de Arquivologia" e, em seguida, o "Curso de Museologia".⁸ Tais ações exigiram investimentos de fôlego no período, contando a Escola com trinta professores efetivos. Para dar conta do trabalho aumentado que se avizinhava, a proposta previa um grande tronco comum, com 17 disciplinas obrigatórias, com turmas mescladas, e atividades optativas, formações livres que levariam os alunos a ter maior integração com outros cursos da Universidade, o que, em tese, garantiria flexibilidade curricular e interdisciplinaridade. A carga horária específica compreendia dez atividades. As disciplinas específicas começariam no segundo semestre de cada curso, a fim de dar a conhecer aos alunos os objetos, os temas de sua área e os caminhos profissionais futuros.

Ao apresentar a proposta, os idealizadores apontavam a carência de profissionais qualificados para o trabalho em arquivos em Minas Gerais e a necessidade de se implantar a gestão de documentos nos arquivos da administração pública no estado.

Em 2009, matriculou-se a primeira turma do curso. O perfil dos primeiros alunos refletia anos da demanda represada por um curso na área no estado: boa parte dos alunos já possuía outra graduação, vários já atuavam na área e quatro já possuíam mestrado (PAIVA; NEGREIROS; SILVA, 2002) Com tal perfil, os alunos da primeira turma significaram um apoio fundamental para a implantação do curso, tanto que logo no primeiro ano promoveu-se o Seminário de Arquivologia, que vem sendo realizado anualmente pelas novas turmas, com o apoio dos professores, com intensos debates sobre as questões da área.

Desde o início das atividades do curso, as demandas mais recorrentes dos alunos eram a inclusão de mais disciplinas específicas, a partir do primeiro semestre, e o aumento da oferta delas ao longo da formação, em substituição a algumas das disciplinas do tronco comum, muito específicas da Biblioteconomia, como análise de assunto, oferecida logo nos primeiros semestres.

⁷ Para mais dados sobre a adesão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, cf. COELHO, 2015.

⁸ Cf. CENDON, 2008, p. 225 *et seq.*

Essas demandas chamavam a atenção para a necessidade de consolidar o campo da Arquivologia, não só no estado, como também no País, pois o período de criação do curso da UFMG coincidiu com a implantação de novos cursos. Destaca-se, contudo, que ainda não se tem sequer um curso por ente da federação. Hoje, são apenas 16 cursos. Estimativas otimistas calculam que existem cerca de 5.000 arquivistas graduados, desde a criação das primeiras graduações, na década de 1970, o que não daria nem um arquivista por município. Mas estes são dados difíceis de aferir sem a existência de um conselho profissional.

Levando tais reflexões em consideração, o curso passou por um processo de consolidação, que culminou com sua avaliação pelo Ministério da Educação, em 2014. Tal processo iniciou-se com sua implementação, passando pela chegada dos professores contratados especificamente para o curso e pela natural reestruturação de seu currículo, conforme previsto no momento de sua criação.

4 O corpo docente

O corpo docente do curso de Arquivologia é composto por professores com variadas formações nos níveis de graduação e pós-graduação. Em 2015, Arreguy, Negreiros e Silva publicaram um artigo em que apresentaram os resultados de uma pesquisa contemplando o perfil dos professores do curso, as configurações acadêmico-institucionais, o contexto regional e o mercado laboral disponível (ARREGUY; NEGREIROS; SILVA, 2015). Os resultados foram bastante reveladores em relação à vivência e à experiência prático-laboral na área de Arquivologia, à formação acadêmica nos níveis de graduação e pós-graduação e à produção dos docentes do curso.

A definição utilizada pelos autores sobre o que seria um professor do curso, na referida pesquisa, foi estabelecida em reunião de colegiado de curso da UFMG, que definiu o docente do curso de arquivologia como sendo aquele professor efetivo que tenha ministrado pelo menos uma disciplina obrigatória nos últimos quatro anos. Seguindo essa definição, ARREGUY; NEGREIROS; SILVA (2015) levantaram dados de dezoito professores ativos no momento da pesquisa que lecionaram disciplinas obrigatórias entre 2011 e 2014. Quando da avaliação do curso por parte do Ministério da Educação, esses mesmos docentes foram avaliados.

O Quadro 1 apresenta uma listagem com os 18 docentes levantados. Vários deles já estavam na Escola de Ciência da Informação antes da criação do curso e outros foram contratados especificamente para sua criação (em negrito no quadro).

Quadro 1 - Docentes do curso de Arquivologia da UFMG

Docente	Ano de ingresso na universidade
Adalson de Oliveira Nascimento	2010
Alcenir Soares dos Reis	1993
Alessandro Ferreira Costa	2010
Carlos Alberto Ávila Araújo	2006

Célia da Consolação Dias	2012
Cíntia Aparecida Chagas Arreguy	2010
Cláudio Paixão Anastácio de Paula	2009
Helena Maria Tarchi Crivellari	2010
Ivana Denise Parrela	2009
Marcelo Peixoto Bax	1997
Maria Guiomar da Cunha Frota	1997
Marília de Abreu Martins de Paiva	2009
Marta Melgaço Neves	1998
Maurício Barcellos Almeida	2005
Renato Pinto Venâncio	2010
Ricardo Rodrigues Barbosa	1990
Rubens Alves da Silva	2010
Welder Antônio Silva	2010

Fonte: Elaboração própria

O estudo do currículo desses docentes revela a ocorrência de formações variadas nos níveis de graduação e pós-graduação, com destaque para a graduação em História (1/3 dos docentes). Apesar de apenas um professor ser graduado em Arquivologia, metade dos docentes tem experiência profissional na área de arquivos, lidando com documentos de todos os gêneros e atuando nas diversas fases do ciclo de vida dos documentos (ARREGUY; NEGREIROS; SILVA, 2015).

Além dos 18 docentes citados no Quadro 1, outros professores efetivos também lecionaram disciplinas obrigatórias no curso desde sua implantação. Dois deles antes do período de quatro anos estudado pelos autores: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e Marlene Oliveira Teixeira Melo. Um professor, concursado especificamente para o curso, já havia pedido exoneração à época da pesquisa, Leandro Ribeiro Negreiros, que atuou no curso entre 2010 e 2013. Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu, foi a primeira coordenadora do curso, a qual já havia se aposentado à época da pesquisa. Ela atuou entre 2011 e 2012. Em 2015, posteriormente ao levantamento realizado pelos pesquisadores, outro professor lecionou uma disciplina obrigatória para o curso, Jorge Tadeu Ramos Neves.

Aos 18 professores levantados, somaram-se mais 5, totalizando 23 professores efetivos que lecionaram pelo menos uma disciplina obrigatória para o curso de Arquivologia desde sua implantação até o presente ano.

Como se pode observar pelo Quadro 1, vários professores foram contratados depois de 2009, sendo que 7 foram contratados especificamente para o curso (destacados em negrito), além desses 7, 1 foi contratado em regime de 20 horas semanais, mas pediu exoneração, tendo atuado no curso entre 2010 e 2013.

A contratação desses professores impactou fortemente a implementação do currículo inicial, levando a um processo natural e já previsto de reestruturação curricular. Tais professores contribuíram para a construção da nova matriz curricular, aprovada em 2014 e posta em prática em 2015.

Com os novos professores vieram os projetos de pesquisa e extensão, o que ensejou a criação de oportunidades de iniciação à pesquisa e de inserção em outras instituições para os alunos. Destacam-

se nesse conjunto as pesquisas dos professores Cintia Arreguy, Leandro Negreiros e Welder Silva, que subsidiariam a reformulação do curso da UFMG e vêm fundamentando os debates sobre o ensino da Arquivologia no País desde as suas primeiras apresentações no Congresso Nacional de Arquivologia, em 2012, e no âmbito da Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ), a partir de 2013.

O primeiro projeto de extensão vinculado ao curso foi criado por Marília Paiva, em 2010, intitulado "Observatório dos Arquivos da Região Metropolitana de Belo Horizonte (POARMBH). Tinha por objetivo diagnosticar a situação dos acervos arquivísticos dos municípios da região metropolitana de Belo Horizonte, buscando descrever a situação de cada um, com vistas a subsidiar intervenções futuras, para criar ou adequar os arquivos municipais conforme os preceitos da gestão de documentos. Este projeto passou a ser coordenado pelos professores Cintia Chagas Arreguy e Welder Silva, a partir de 2015.

Welder Silva promove, desde seu ingresso na Universidade, a ligação entre o mercado de trabalho e a academia, por meio da exploração de suas experiências no Arquivo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Nesse locus privilegiado, desenvolve projetos com grande participação dos alunos do curso, como estagiários e bolsistas de pesquisa, assim como o professor Leandro Negreiros fazia até 2013.

Cintia Arreguy e Ivana Parrela coordenaram, juntamente com os técnicos do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), a comemoração crítica dos vinte anos daquele Arquivo, em 2011. Ambas são ex-diretoras daquela casa. Com projetos aprovados pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, as comemorações envolveram a montagem de uma exposição, reorganização do arquivo institucional do APCBH e avaliação da política de gestão de documentos desenvolvida nesses vinte anos.

Ivana Parrela tem desenvolvido pesquisas sobre a história institucional de arquivos e a história intelectual dos envolvidos em sua criação e organização, a inserção dos arquivos nas políticas de memória e patrimônio e ações educativas em arquivos.

O professor Adalson de Oliveira Nascimento, desde a sua entrada na UFMG, tem se dedicado ao estudo das questões relativas aos Centros de Memória, arquivos escolares e universitários. Nessa perspectiva, desenvolveu os projetos: "100 anos de história do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG): organização do arquivo histórico", em 2013-2014; e Organização e difusão do patrimônio documental do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/UFMG), desde 2010. Tais trabalhos dialogam com as ações de Renato Pinto Venâncio e têm permitido a construção de parcerias entre os professores.

Renato Pinto Venâncio, que já dirigiu o Arquivo Público Mineiro entre 2005 e 2008 e que coordena até a presente data o Conselho Editorial de sua Revista, vem se dedicando à pesquisa a respeito da legislação arquivística. Ele é diretor da Diretoria de Arquivos Institucionais da UFMG. Como Venâncio já era professor universitário, imediatamente se

credenciou no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola e vem desenvolvendo importantes orientações na área, com destaque para os professores do curso, Cintia Arreguy e Welder Silva, que atualmente desenvolvem pesquisas de doutoramento sob a sua orientação. Ele também já orientou dois egressos da primeira turma de Arquivologia.

O professor Alessandro Ferreira da Costa tem construído pontes para além da Escola, com a Escola de Belas Artes da UFMG e a Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), com suas pesquisas sobre cinema, cinema digital, colecionadores e arquivos pessoais.

Outro destaque é a importante participação dos professores do curso em associações culturais ligadas aos arquivos públicos instalados em Belo Horizonte: Adalson Nascimento presidiu a Associação Cultural do APCBH de 2011 a 2015; Renato Venâncio presidiu a Associação Cultural do Arquivo Público Mineiro de 2011 a 2015; e neste ano Ivana Parrela assumiu a presidência da Associação, tendo como vice, Cintia Arreguy. Ivana Parrela, Adalson Nascimento, Cintia Arreguy e Renato Venâncio já participavam do Conselho Estadual de Arquivos antes de ingressarem na UFMG. Em 2015, Cintia Arreguy foi eleita representante dos cursos de Arquivologia perante o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ). Ivana Parrela e Renato Venâncio já tiveram assentos no mesmo Conselho antes de ingressarem na UFMG como representantes dos Arquivos Municipais e dos Arquivos Estaduais, respectivamente.

Essa recapitulação das trajetórias dos professores que passaram a atuar especificamente no curso permitiu recuperar a dedicação do corpo docente à área, sua inserção nos debates teóricos e metodológicos locais e suas articulações nacionais e as competências instaladas quando da reestruturação do currículo.

5 A reforma curricular de 2014

A primeira versão curricular do curso de Arquivologia da UFMG foi constituída em conjunto com os cursos de Biblioteconomia e Museologia. Estruturava-se em três partes, somando 2.400 horas: a) tronco comum, 960 horas, distribuídas em 17 disciplinas; b) tronco específico, 570 horas, distribuídas em 10 disciplinas; e c) tronco de flexibilização, 630 horas as quais deviam ser cumpridas em outras atividades acadêmicas, como: formação complementar (disciplinas optativas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Direito, Administração e Negócios, Ciência da Computação, Ciências Humanas, Preservação e Conservação de Bens Culturais ou Artes e Educação); formação livre (atividades acadêmicas que não fazem parte de sua formação específica ou complementar, com base em seus interesses individuais); e outras atividades geradoras de

crédito (participação em eventos, atividades de extensão, publicações e outras) (PAIVA, 2011, p. 255-258)⁹.

O currículo originalmente concebido para o curso passou por uma reestruturação, tendo em vista a chegada dos professores concursados especialmente para o curso, algo já previsto no debate sobre o Reuni. No final de 2010, iniciaram-se os estudos para a reestruturação curricular. Para tanto, foi desenvolvida uma metodologia de trabalho composta pelas etapas a seguir:

- 1) análise do currículo de graduação em arquivologia da Escola de Ciência da Informação da UFMG à luz do mapa conceitual definido e avaliação quantitativa/qualitativa, buscando identificar pontos positivos e negativos;
- 2) análise de currículos de outros cursos de Arquivologia ministrados no Brasil, utilizando o mapa conceitual e procurando definir um parâmetro a ser seguido;
- 3) avaliação do currículo de graduação em arquivologia da UFMG, com base em questionários respondidos pelos professores do curso, com a finalidade de sistematizar opiniões e sugestões;
- 4) realização de oficinas para elaborar propostas curriculares que levassem em consideração as análises anteriores;
- 5) construção de uma proposta única para consolidar as avaliações e discussões das etapas anteriores e
- 6) avaliação da proposta construída sob a perspectiva da legislação educacional pertinente (NEGREIROS; SILVA; ARREGUY, 2012, p. 1)

O novo currículo procurou equilibrar conteúdos específicos com conteúdos interdisciplinares. Foi mantida a carga horária de 2.400 horas, em duas modalidades: bacharelado/formação livre e bacharelado/formação complementar aberta/formação livre. A principal diferença entre as duas modalidades é que na segunda o aluno deve cursar 240 horas de formação complementar e o restante da carga horária é distribuído entre disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas e formação livre.

Na construção da proposta, um dos referenciais teóricos importantes foram as análises canadenses sobre os campos de pesquisa em Arquivologia (CULTURE; LAJEUNESSE; 2014, p. 218), que podem ser resumidas em: teoria arquivística, formação em arquivística, funções arquivísticas, gestão de arquivos e de documentos arquivísticos, políticas, leis e normas arquivísticas, tipos de mídias e arquivos, história dos arquivos e da arquivologia; gestão de programas e serviços arquivísticos e arquivos e registros de memória.

Na nova estrutura curricular, dez disciplinas do tronco comum foram mantidas: “Elaboração e apresentação de trabalhos científicos”,

⁹ PAIVA, M. de A. M. de. O Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). In: MARQUES, A. A. da C.; RONCAGLIO, C.; RODRIGUES, G. M. *A formação e a pesquisa em arquivologia nas universidades públicas brasileiras*. Brasília: Thesaurus, 2011. Apud NEGREIROS; SILVA; ARREGUY (2012).

“Introdução à Informática”, “Cultura e Informação”, “Teorias da Organização”, “Introdução a Bancos de dados”, “Preservação de Acervos”, “Métodos e técnicas de pesquisa”, “Memória e patrimônio cultural”, “Estudos de usuários” e “Fundamentos da Ciência da Informação”. Boa parte delas foi realocada. Esta última, por exemplo, foi transferida para o último semestre do curso, de modo a estimular a reflexão dos interessados na pesquisa sobre a Ciência da Informação, oferecendo mais subsídios para a entrada na pós-graduação. Um fio condutor com as disciplinas consideradas obrigatórias foi traçado a partir do primeiro período, com: “Introdução à Arquivologia”, “Fundamentos da Arquivologia”, “Gestão de documentos arquivísticos I”, “Gestão de documentos arquivísticos II”, “Arquivos permanentes I”, “Arquivos permanentes II”, “Política e legislação arquivística” e os estágios supervisionados. Algumas disciplinas, pelo reconhecimento de sua maior importância, tiveram suas cargas horárias ampliadas, como no caso de “Preservação de acervos” e “Diplomática”. A disciplina “História”, que antes compreendia apenas a “História administrativa do Brasil”, ganhou o reforço de uma disciplina introdutória de “Formação das Instituições do Brasil Contemporâneo”. Alguns temas de disciplinas optativas, que, aos poucos, tornaram-se quase obrigatórias pelo interesse dos alunos, foram introduzidos na grade curricular, como “Paleografia”, “Economia da cultura” e “Ação cultural e Educação patrimonial”.

A nova estrutura passou a refletir as competências do grupo atual de professores, o que não quer dizer que importantes disciplinas não tivessem sua importância reconhecida pelo grupo, como no caso de “Notariado” e de outras possíveis aproximações com o Direito. Contudo, não havia como ofertá-las nessa altura sem a anuência de outra unidade da Universidade.

Em 2014, o curso passou pelo seu primeiro processo de reconhecimento e avaliação pelo Ministério da Educação, entre 1 e 4 de outubro de 2014, estando as avaliadoras *in loco* nos dias 2 e 3. A preparação para a avaliação envolveu todo o corpo docente do curso, com o objetivo de fornecer subsídios para o trabalho dos avaliadores. A abertura dos trabalhos de avaliação contou com a presença de todos os coordenadores e subcoordenadores que passaram pelo curso e parte dos professores. O coordenador à época da avaliação era o professor Adalson de Oliveira Nascimento. No segundo dia, houve o trabalho interno da Comissão de Avaliação e uma reunião de encerramento. O curso foi muito bem avaliado, tendo recebido a nota máxima: 5. O reconhecimento do curso se deu pela Portaria 615, de 30 de outubro de 2014.

6 Considerações Finais

As considerações a seguir prendem-se aos pontos alinhavados na longa trajetória desejada para o curso, à boa companhia dos colegas e à renovação de desafios que cada turma traz.

A importância do curso e da própria área do conhecimento para a Escola já está compreendida em termos práticos. A ECI é hoje uma Escola de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. No entanto, é preciso aclarar os pontos de convergência, as identidades de área e os distintivos. São áreas afins, reunidas por serem Ciências Sociais Aplicadas. Assim, não se pode esquecer das questões relativas à preservação dos acervos – que se ensina a tratar e a gerir –, as quais serão as bases para as construções identitárias e memoriais, por intermédio das *políticas de acesso e difusão construídas por meio de diversas tecnologias*. Acredita-se que os termos negritados constituem as temáticas de pesquisa que unem e que estimulam o trabalho conjunto hoje.

O desafio da Arquivologia é tornar o curso um espaço de reflexão sobre as funções dos arquivistas na garantia de direitos aos cidadãos, por meio da gestão e organização dos arquivos e do acesso qualificado, no âmbito das políticas que deem conta, ao mesmo tempo, da segurança e do respeito à privacidade. Como um grupo de professores, enfatiza-se a necessidade de investimentos maciços na gestão dos documentos arquivísticos, mas sem perder de vista, por que, para que e para quem são preservados os acervos.

Referências

ALVARENGA, L. Editorial. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 13, n. 3, p. 7-8, 2008.

ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; NEGREIROS, Leandro Ribeiro; SILVA, Welder Antônio da. Influências na estruturação de currículos de Arquivologia: as configurações acadêmico-institucionais, o contexto regional, o mercado laboral e o perfil docente. In: *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 20, n.2, p.p 172-197, abr/jun 2015.

CENDÓN, B. V. et al. Cursos de graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais: propostas de expansão e flexibilização. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 13, n. 3, p. 223-240, 2008.

COELHO, Maria de Lourdes. O programa Reuni na UFMG: contexto, adesão, implantação, criação do Giz e suas ações formativas. *Revista Docência do Ensino Superior*, v. 4, p. 3-46, 2015.

CULTURE, Carol; LAJEUNESSE, Marcel. L' archivistique à l'ère du numérique - Les éléments fondamentaux de la discipline. Québec: Presses de L'Université Du Québec, 2014, p. 218.

NEGREIROS, Leandro Ribeiro; SILVA, Welder Antônio da; ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas. Metodologia para análise, avaliação e reestruturação

curricular de cursos de arquivologia: a experiência do curso de Arquivologia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. *In: Congresso Nacional de Arquivologia, 4. Anais...*, Salvador, 2012.

PAIVA, M. de A. M. ; NEGREIROS, L. R. SILVA, W. A. O perfil dos alunos do curso de graduação em Arquivologia da Escola de Ciência da Informação da UFMG. In: Mariz, Anna Carla Almeida; Jardim, José Maria; Silva, Sérgio Conde de Albite. (Org.). *Novas dimensões da pesquisa e do ensino da Arquivologia no Brasil*. 1ed. Rio de Janeiro: Móbiliie : Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro, 2012, v. , p. 251-268.